Castilho, C.T. Monte Roraima: experiência de lazer contemporâneo. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.4, n.3, 2011, pp.309-322.

Monte Roraima: experiência de lazer contemporâneo

César Teixeira Castilho

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo entre uma experiência de *trekking* nas trilhas do Monte Roraima e as teorias atuais sobre atividades de lazer na natureza. Através dos relatos da viagem à Venezuela, realizada no final do ano de 2009, e da contextualização do momento presente, pelo conceito de modernidade líquida, pretende-se discutir a contribuição que as atividades de lazer na natureza possibilitam na relação do ser humano com o meio ambiente. Diante dos argumentos apresentados, objetiva-se instigar uma maior discussão sobre o assunto e propor práticas de turismo sustentáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer na Natureza; Modernidade Líquida; Monte Roraima
.

Mount Roraima: contemporary leisure experience

ABSTRACT

This article has as objective the establishing of a dialogue between a trekking experience on the trails of Mount Roraima and contemporary theories about leisure activities in nature. Having as basis travel journals written during a trip to Venezuela, held at the end of 2009, and the contextualization of the present moment, taking into consideration the concept of liquid modernity, the aim is to discuss the role of the activities in nature and the relationship of humans with the environment. Thus, the major purpose is to investigate a further discussion on the subject and propose new practices of sustainable tourism.

KEYWORDS: Leisure Activities in Nature; Liquid Modernity; Mount Roraima

Introdução

A contemporaneidade permite várias reflexões a respeito da responsabilidade dos sujeitos na condição de cidadãos e de sua relação com os valores presentes em nossa sociedade. Vivemos um momento crítico, de consumismo e individualismo exacerbado, características que danificam a relação dos seres humanos com a

natureza, vista apenas como possibilidade de riqueza, atendendo às expectativas do império do consumo. O "pensamento sustentável", discurso a favor do meio ambiente que faz parte do marketing atual das grandes empresas, deve ser visto de maneira duvidosa: em boa parte das situações, tal "atitude verde" busca ocultar uma exploração sem precedentes do planeta.

A proposta principal deste artigo é discutir de que forma as atividades de lazer na natureza possibilita transformações na relação do sujeito com o outro e com o meio ambiente. A consciência ambiental e crítica que pode ser desenvolvida nessas atividades permitem questionar valores que permeiam o mundo atual.

Embora a natureza possa passar a ideia contrária a uma visão de mundo e uma ordem social industrializada e materialmente progressista, essa realidade mostra -se alterada contemporaneamente. Recorremos ao exemplo de Bruhns (2010), a respeito dos fabricantes de veículos utilitários esportivos que se apropriam da natureza em suas propagandas como sendo o "lar natural" desses veículos, uma vez que estes requerem um poço de petróleo para alimentar seus motores, facilitando a legitimação do consumo ostensivo de uma classe dominante.

Diante desse contexto, a procura dos indivíduos pelas chamadas atividades de lazer na natureza tem aumentado nos últimos anos de maneira global. Essa prática deve ser analisada de maneira criteriosa, buscando definir seu lugar na atualidade e situá-la em relação às características deste momento. Seu aumento possui diversas explicações plausíveis: pode ser visto como desde uma forma de diversão, com um fim em si, até como uma aproximação do meio natural, visando estabelecer um diálogo mais profundo com as questões ecológicas.

Não estamos imunes ao caos das grandes cidades quando subimos uma montanha ou quando nos deparamos com uma paisagem silenciosa. Contudo, essas situações alicerçam a visão de outros modos de vida possíveis, trazendo a possibilidade de um reposicionamento frente aos recursos naturais e aos semelhantes.

A reflexão que proponho aqui tem como ilustração minha experiência nas trilhas que levam ao cume do Monte Roraima, na Venezuela, e as descobertas ocorridas em sete dias de expedição. O pano de fundo para a apresentação dessa vivência é a discussão a respeito do tempo atual, tomado a partir da concepção de modernidade líquida (BAUMAN, 2001), e suas consequências para o lazer. Dessa forma, buscarei propor novos caminhos de discussão para o momento presente, passando pela concepção de lazer, em especial, das atividades na natureza.

Objetivos

O objetivo principal desse texto é estabelecer um diálogo entre as chamadas atividades de lazer na natureza e os estudos da modernidade líquida, termo utilizado por Bauman (2001) para definir o momento presente. Como pano de fundo dessa

interlocução, e experiência prática, descreverei uma viagem realizada na Venezuela, durante o final do ano de 2009, que se constituiu em um *trekking* de sete dias, incluindo três noites no cume do Monte Roraima.

A partir dessa experiência, proponho descobertas que podem ajudar na construção de um lazer crítico quando relacionamos as atividades na natureza com as questões ambientais tão pertinentes na atualidade, contrariando alguns preceitos da modernidade liquida, como efemeridade e consumismo.

Possibilidades de lazer como esta, que de alguma forma contrariam a tendência de homogeneização do turismo contemporâneo, estimulam uma nova atitude frente à relação homem/natureza. Além disso, pode-se ampliar o olhar na produção de um lazer mais próximo da sensibilidade popular e cultural da população local que, no presente trabalho, englobam os indígenas que habitam o Parque Nacional de Canaíma.

Percurso Metodológico

Do ponto de vista metodológico, o presente artigo propõe uma pesquisa *qualitativa*, já que a ação humana é fundamentalmente simbólica. Assim, vai ao encontro com os pressupostos descritos por Bogdan e Birten (1982, p. 27-30):

> A pesquisa qualitativa caracteriza-se por: ter um ambiente natural como fonte direta dos dados, possuir o pesquisador como instrumento-chave, ser descritiva e estar preocupada com o processo e tender a analisar os dados indutivamente.

Este estudo une a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo, conforme será apresentado a seguir.

Em linhas gerais, a pesquisa bibliográfica representa um apanhado sobre os principais trabalhos científicos relativos ao tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes (LUNA, 1999). A importância atribuída à revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novos conhecimentos não é apenas mais uma exigência formal e burocrática da academia; pelo contrário, constitui um aspecto fundamental na construção do tema de pesquisa. Os conhecimentos sistematizados constituem a provisão de base dos trabalhos científicos.

Considerando que se buscou investigar e compreender o papel das atividades de lazer na natureza através da descrição de uma viagem ao Monte Roraima, na Venezuela, a pesquisa bibliográfica que acompanhou a investigação possibilitou uma fundamentação sobre as temáticas: lazer, atividades na natureza e modernidade líquida, que constituíram as bases do problema e da metodologia da pesquisa.

Nesse processo, foi importante que a pesquisa bibliográfica ocorresse paralelamente ao desenvolvimento de toda a pesquisa, seguindo desse modo o modelo conforme destacado por Sampieri, Collado e Lucio (2003). Assim, foram identificadas, consultadas e analisadas publicações acadêmicas relevantes à temática da pesquisa, bem como livros que, de alguma forma, remetiam à história específica do Monte Roraima, já que existem poucas referências sobre este assunto.

Vários caminhos poderiam ser trilhados para a realização dessa pesquisa, mas, neste estudo, optou-se por operacionalizar a busca de respostas que permitissem estabelecer um diálogo entre uma experiência prática de lazer na natureza e as teorias atuais sobre o tema.

Além desse trabalho de recuperação teórica, o estudo de campo foi realizado por meio de observação direta e entrevista semi-estruturada com as pessoas que habitam o parque no qual se encontra a "Mãe da Águas". Através desse método indutivo, foi possível chegar às conclusões a respeito da importância da montanha para os indígenas e para população local que sobrevive do turismo.

"*A observação nada mais é do que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano*" (GIL, 1994, p. 104). Tomando-se por base estas considerações, a observação foi um importante instrumento de coleta de dados durante todo o percurso da viagem, especialmente nos momentos de maior interação com os indígenas locais e o guia do grupo. As anotações foram realizadas meticulosamente no caderno de notas e analisadas posteriormente pelo pesquisador.

As vantagens da observação englobam a espontaneidade e a autenticidade relativa dos acontecimentos, que dificilmente podem ser distorcidos ou omitidos, como pode ocorrer das palavras e dos escritos (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003). Para os autores, isso ocorre em decorrência das particularidades da observação, que prevê a "*análise do não verbal e daquilo que se revela como condutas instituídas e códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e os traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade"* (p. 198).

Nesta pesquisa utilizou-se a observação participante, uma forma de observação onde o investigador participa enquanto simultaneamente observa, desenvolvendo relações com os informantes de forma que alguma compreensão do seu mundo possa ser conseguida. De acordo com este modelo, o investigador observa os acontecimentos, causando a menor disrupção possível na situação social e tentando ganhar a confiança, além de estabelecer relações capazes de o envolver no ambiente social (BURGESS, 2001).

As entrevistas foram guiadas pelo eixo orientador do tema "natureza", enfatizando a descrição dos mesmos sobre o dia-a-dia e questões relacionadas à condução dos turistas até o cume do Monte Roraima. Apesar dessa orientação, os entrevistados, indígenas que habitam a região e o guia do grupo, tiveram grande liberdade para se expressarem e consentiram com a utilização de suas ideias neste trabalho.

Zago (2003) trata da relação inseparável entre a entrevista e a observação. A autora afirma que a entrevista possui uma função de complementaridade das informações e de ampliação dos ângulos de observação. Assim, as informações captadas por meio da observação participante foram fundamentais para enriquecer os dados coletados através das entrevistas e para a maior compreensão das atividades de lazer na natureza no momento presente.

A metodologia desse artigo tem como finalidade apresentar seus resultados através do relatório final, última etapa da pesquisa científica. Segundo Laville e Dionne (1999, p. 233), nessa etapa o pesquisador

> Empenha-se em divulgar o que se deve reter desta comprovação, ou seja, as conclusões, e para que se possa bem compreendê-las, empenha-se também em relembrar o itinerário seguido para se chegar a elas e em que se baseiam as conclusões.

Reflexões sobre a viagem ao Roraima e seu histórico

Saio de Belo Horizonte rumo a Boa Vista. Durante o vôo, algumas surpresas. Sento-me ao lado de um homem desde a escala em Brasília, vereador da capital roraimense que estava no Distrito Federal a trabalho. Falo sobre meus planos de subir o Monte Roraima e ele sobre as belezas da região. Não acrescenta muito às informações que tinha sobre minha aventura: nunca havia subido a montanha e não conhecia quem houvesse percorrido a trilha. No entanto, tivemos uma conversa agradável, que resultou em uma carona até o hotel.

Na saída do aeroporto, quando as portas se abriram, senti o calor úmido, próximo dos 40ºC. Uma mulher jovem com sete crianças sorria para meu companheiro de viagem e, rapidamente, as sete subiram no colo do pai. Entramos todos em um mesmo automóvel (importado e bem confortável) e me despedi quando chegamos ao meu hotel.

A cidade, a primeira vista, parece ter sido bem planejada e comporta com folga os habitantes locais, com avenidas largas e um trânsito fluido. Estas características foram confirmadas pelo meu companheiro de *trekking*, Elmo, nascido na Paraíba e há três anos morador de Boa Vista. O mesmo destacou a “segurança” e a “tranquilidade” como principais características da capital roraimense. Ele é servidor público, como quase toda a população local, e trabalha no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

> A viagem começa nesta cidade. A abundância das lojas assegura que o novo consumismo mundial já chegou, com uma pujança que não vemos no resto da América Latina (CASTRO, 2005, p. 148).

De Boa Vista à fronteira com a Venezuela são duas horas de carro e um ponto de encontro entre duas culturas. Os guardas operam com naturalidade em duas línguas, português e espanhol. Partimos para Santa Elena de Uiarén, primeira cidade venezuelana e última antes do início da caminhada ao Monte. Ao passar pela fronteira, deparo com mais uma novidade: fila de carros de perder de vista nos postos de gasolina devido ao preço quase irrisório do combustível local, o país é um dos maiores produtores de petróleo mundial.

As pessoas perguntam frequentemente sobre o motivo de minha escolha pelo Monte Roraima. Não sei responder, confesso, mas consigo improvisar pseudo-respostas para manter o diálogo: está na América Latina e isso me traz bons sentimentos, consiste em uma caminhada de sete dias dentro de uma área de preservação ambiental e reserva indígena, estou de férias, tenho muito prazer em praticar atividades de lazer na natureza, entre outras.

O Monte Roraima (Figura 1) situa-se exatamente na divisa da Venezuela, Brasil e Guiana. A maior parte da sua extensão encontra-se em território venezuelano e a pequena parte situada na Guiana ainda hoje encontra-se contestada pelos venezuelanos. De acordo com a literatura, o Roraima teve maior reconhecimento na Europa antes mesmo de ganhar importância no território sul-americano, talvez pelo fato da literatura europeia da época já fazer alusão a esta região. Segundo Castro (2005), "a literatura venezuelana do século XIX não fazia alusão ao Monte, pois era um reflexo do que se produzia na Europa ou lidava apenas com temas da vida cotidiana."

Figura 1: Visão frontal do Monte Roraima (D) e do Monte Kukenan (E) - *Foto: César Castilho*

O grande momento do Roraima na literatura universal corresponde à publicação, em 1912, de um livro de Arthur Conan Doyle, escritor e médico britânico famoso pelas histórias do detetive Sherlock Holmes: "*The lost world*" ("O mundo perdido"). Foi essa obra o modelo de desenvolvimento da ficção científica como gênero literário. O livro descreve uma expedição a uma montanha que traz toda semelhança com o Monte Roraima, embora haja versões que afirmem que a história se passa em Curipuri, montanha semelhante localizada no Brasil. Como os antecessores que escreveram sobre o Monte, Doyle deixa entrever que não havia feito vasta pesquisa sobre a região.

Interessante, portanto, constatar que Roraima foi descoberto na Europa muito antes de ter despertado qualquer interesse nos países que dividem sua formação. Ainda hoje, como percebi durante minha viagem, a procura pelo *trekking* do Monte Roraima é predominantemente europeia[1].

Para chegar ao Monte Roraima, contatei, com certa dificuldade, uma pessoa que havia ido algumas vezes ao local. Fotógrafo especializado em natureza e entusiasta de aventuras, gostou de saber sobre meu interesse no *trekking* e passou dicas a respeito da subida, informando-me sobre quem procurar na Venezuela, agências locais em Santa Elena de Uiarém e precauções. Enfatizou que, para contatos via e-mail, eu teria que ter paciência, pois a conexão via internet é precária.

Esta dificuldade em estabelecer contato rápido, via email, com as agências locais já revela uma disparidade entre os dois países. Hoje em dia, mesmo nas mais remotas regiões turísticas do Brasil, conseguimos informações e realizar reservas em um curto período de tempo. Por um lado, esta precariedade pode dificultar o acesso a certos locais e ajudar a preservá-los frente ao número excessivo de visitantes, no entanto, por outro lado, os profissionais que sobrevivem dessas atividades perdem clientes valiosos para a manutenção do seus negócios.

Depois de quinze dias tentando falar com as agências, correndo contra o tempo, resolvi buscar uma empresa brasileira situada em Boa Vista. Não tive problema para contatá-los e, logo de cara, pareceram-me muito profissionais, com experiência de vários anos nesse empreendimento. Surpreenderam-me com uma lista extensa – e cara – com os equipamentos necessários para a subida. A surpresa foi ainda maior já no Monte, pois pude perceber que os indígenas que me guiaram desconheciam por completo o conteúdo de tais precauções, usando, o tempo todo, chinelos e mochilas feitas à mão.

Atualmente, nos deparamos, quase que diariamente, com novas tecnologias e materiais diversos para atividades na natureza. Algumas vezes, estes equipamentos facilitam nossas vidas e ajudam nas situações de perigo, outras vezes, não passam de artigos de luxo produzidos por uma indústria esportiva avassaladora.

Assim, os equipamentos tidos como essenciais visavam não somente a segurança dos turistas, mas, principalmente, o maior conforto possível, em consonância com a afirmação de Castro (2005, p. 156):

> Não sabemos mais o que é desconforto, mesmo os que perambulam ao ar livre, enfrentando a fúria dos elementos. Nossa zona de desconforto se estreitou. Nem frio, nem calor, somos uns frouxos.

Ficava claro, portanto, que, mesmo em uma atividade na natureza, longe da lógica urbana, alguns elementos da contemporaneidade estariam impregnados em todo o caminho ao topo. Por outro lado, valores distintos dos atuais, como divisão, respeito ao próximo, preservação e contemplação também marcariam presença.

Momento presente e atividades de lazer na natureza

Para que possamos prosseguir relatando alguns momentos da viagem, faz-se necessário uma contextualização do tempo presente. Vivemos hoje o que alguns autores chamam de pós-modernidade, condição sócio-cultural e estética do capitalismo moderno, também denominado pós-industrial ou financeiro. Apesar do uso do termo ser recorrente, várias são as críticas quanto à sua utilização e pertinência.

Segundo um dos pioneiros no emprego do termo, o francês Jean-François Lyotard (2002), a "condição pós-moderna" caracteriza-se pelo fim das metanarrativas. Os grandes esquemas explicativos teriam caído em descrédito e não haveria mais garantias, posto que mesmo a ciência já não poderia ser considerada fonte da verdade.

Outros autores, como Bauman (2001), preferem evitar o termo. Opto por compactuar com a definição do mesmo, utilizando o termo "modernidade líquida" – que diz de uma realidade ambígua e multiforme. Esse período pode ter seu início situado entre as décadas de 1980 e 1990, embora tal transição nunca se dê de forma absoluta, sem gradação nos valores de um período para o outro.

A modernidade líquida traz uma versão individualizada e privatizada da modernidade. Chegou a vez da liquefação dos padrões e valores, agora maleáveis em um ponto que gerações passadas não experimentaram ou poderiam imaginar. Manter os fluídos em uma forma requer atenção, vigilância constante e esforço perpétuos (BAUMAN, 2001), o que explica a dificuldade atual com a estabilidade e a noção de futuro ou de eterno. Os indivíduos, cada vez mais, estão se tornando mais imediatistas e toda tecnologia desenvolvida corrobora com este sentimento. O mundo está mais ansioso.

Uma das características centrais da modernidade líquida é o ápice do consumismo. De maneira distinta do consumo, que é uma ocupação dos seres humanos, o consumismo é um atributo social e chega como um novo arranjo resultante da reciclagem de vontades e anseios humanos rotineiros, transformando-se na principal força propulsora e operativa da sociedade (BAUMAN, 2001). O consumo excessivo está intimamente relacionado ao imediatismo discutido no parágrafo

anterior e pode ser interpretado como tentativa frustrada de fuga dos problemas modernos. Ainda, segundo Bauman (2008, p. 60):

> O valor mais característico da sociedade de consumidores, seu bem supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é a felicidade, que deve ser instantânea e perpétua.

Como reverter esses valores que, a cada dia, excluem mais e libertam menos? Vejo as atividades de lazer na natureza como uma possível saída para certos aspectos excludentes da sociedade contemporânea, principalmente o consumismo e o individualismo. Essas atividades, se bem orientadas, podem despertar para uma vida menos ostensiva e, ao mesmo tempo, possibilitar discussões a respeito da natureza e seu papel essencial na vida em comunidade. A prática e a convivência em grupo nos ambientes naturais despertam para uma maior solidariedade entre as pessoas e, quase que naturalmente, criam sentimentos de maior respeito ao meio ambiente.

Segundo Marinho (1999), os diversos grupos que representam a contemporaneidade procuram suas memórias, muitas vezes, em uma vida enraizada, nos prazeres cotidianos vividos aqui e agora. Talvez, as atividades de lazer na natureza tenham como característica principal serem uma reação a nossa realidade repleta de efemeridade e superficialidade, forte e criativa expressão dos diferentes grupos sociais.

> As atividades *outdoor*, na maioria das vezes, são praticadas em grupos, dos quais fazem parte pessoas de diferentes modos de vida. Em comum elas têm a descoberta de uma nova relação com o meio natural e, até mesmo, a descoberta de sentimentos possíveis de serem vividos em conjunto (MARINHO, 1999, p. 47).

Minha experiência nas trilhas do Monte Roraima corrobora com as ideias acima e possibilitou vivências únicas em relação à natureza e com diversos grupos (na maioria vindos de outros países) que caminhavam ao meu lado. Nesse sentido, Maffesoli (1996) remete à poesia, apontando que a natureza é capaz de colocar o mundo em uma gota de água, que o poeta é capaz de exprimir isso e que o sábio deve percebê-lo. O que seria preciso é restabelecer uma nova relação homem-natureza, na qual a principal ação fosse a de contemplar – simples assim.

O termo “atividades de lazer na natureza”, corroborando com o texto de Marinho (2004), foi o escolhido, no presente texto, para se discutir as diversas práticas manifestadas, nos mais diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais: condições de prática, objetivos, motivação e meios utilizados para seu desenvolvimento, além do uso de tecnologias modernas para maior interação entre praticante e meio ambiente.

Atualmente, existem vários outros termos que pretendem designar tais práticas, como esportes de aventura, atividades *outdoor*, esportes radicais, práticas ecológicas e outros. Esse grande universo de nomes é um retrato da falta de conhecimento sobre a área e reflete a importância de novas pesquisas e de delimitação conceitual para melhor discussão teórica sobre o assunto.

Na minha opinião, devemos relacionar as diversas atividades na natureza com as atuais discussões sobre lazer. Diferentemente do termo recreação, que está associado a uma atividade mais prática e menos reflexiva, o termo lazer nos remete a cultura e possibilita intervenções mais profundas e contundentes nos mais diferentes locais, especialmente quando estamos discutindo áreas de preservação ambiental como o Parque Nacional de Canaíma.

Dessa forma, devo destacar o conceito de lazer descrito por Gomes (2008) no qual o mesmo é visto como uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais (tais como as festas, os jogos, as brincadeiras, os esportes, as artes e até mesmo o ócio) no tempo/espaço conquistado pelos sujeitos e grupos sociais. De acordo com a autora, não existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e suas obrigações sociais, familiares e/ou profissionais.

Nesse contexto, as atividades de lazer na natureza não podem ser analisadas como fora da realidade. Como fenômeno humano, estão também associadas aos valores excludentes da sociedade e às características da modernidade líquida, como efemeridade, consumismo e individualismo. Não são, portanto, uma exceção frente à realidade sócio-histórica atual e sim uma extensão e um efeito dela.

A seguir, as considerações de Bruhns (2009) nos alertam e nos ajudam a entender melhor as ambiguidades também existentes nas discussões sobre lazer:

> O lazer moderno desembocou numa contradição entre promessas e realizações associadas ao discurso do prazer e liberdade, bem como a um isolamento artificial em relação à vida como um todo. Ocorreu uma desestabilização das imagens de liberdade, escolha e satisfação de vida, as quais tropeçaram em riscos e contingências não imaginadas pela modernidade. Daí o lazer se torna um problema dentre tantos outros (BRUHNS, 2009, p. 2).

As atividades de lazer na natureza não são dessa forma um fenômeno isolado e independente. Podem se manifestar em diferentes contextos de acordo com o sentido e significado que as pessoas desejam lhe atribuir. Assim, pode existir um diálogo de manutenção do *status quo,* reforçando estereótipos e valores excludentes ou, por outro lado, serem utilizadas como forma de resistência e possível ferramenta para uma melhor convivência com o meio ambiente.

Durante minha experiência no Monte Roraima, foi possível detectar o que Bruhns (2009) nomeou de “contingências não imaginadas”. Apesar de ter optado por

uma viagem em que a temática seria a natureza, desde o início da preparação, defrontei-me com situações de exclusão, consumo, individualismo, entre outros. Além disso, quando viajamos, além do material necessário, levamos na "mochila do pensamento" nosso dia-a-dia nas grandes metrópoles e toda a subjetividade do trânsito, da "correria", da falta de tempo, da necessidade de gerar mais e mais.

As agências aproveitam o fenômeno do consumismo e o aumento do número de participantes nas atividades de lazer na natureza e exploram o "estilo aventureiro": queremos parecer audazes e destemidos. Assim, a lista de materiais vai além da segurança pessoal e passa a ter itens supérfluos que compõem essa encenação comum a nossos tempos efêmeros. Fomos servidos e muito bem tratados durante toda a caminhada pelo nosso guia e, principalmente, pelos indígenas moradores e "donos" da região. Na pirâmide de remuneração, que abrange a agência, os guias locais e os índios, os últimos - e, talvez, os mais importantes - ficam com o menor salário, refletindo a descriminação racial existente.

Apesar do aspecto discutido acima, devemos destacar a enorme potencialidade das atividades de lazer na natureza em se constituir em uma ferramenta de resistência e negação à ordem social vigente, ampliando a visão simplista de modismo, alienação ou de simples consumo.

Uma outra possibilidade de analisar a viagem, nessa ótica em destaque, seria por meio do resgate de uma aproximação respeitosa entre ser humano e natureza. Apesar dos valores excludentes do tempo presente, este novo vínculo realizado através das atividades de lazer na natureza traz grande possibilidade de discussão a respeito do lazer como cultura, como diálogo com a ecologia e, principalmente, como saída para um maior equilíbrio entre o homem e o meio ambiente.

Outras saídas possíveis surgem de forma clara no momento em que nos deixamos contaminar pela maravilha das paisagens e pela capacidade que temos de contemplá-las, quando conseguimos levar para o alto da montanha muito além do "kit de sobrevivência": quando levamos uma aproximação sem barreiras com a atmosfera local.

> Mas, por outro lado, o lazer reveste-se de possibilidades para colaborar com a constituição de uma nova sociedade, mais justa, humanizada, inclusiva, digna e comprometida com os princípios democráticos (GOMES; PINTO, 2009, p. 100).

Passamos três dias inteiros no cume do Monte Roraima, cuja extensão chega a 70 km^2. Foram momentos indescritíveis, repleto de uma vegetação única e intocada. A atitude respeitosa dos indígenas com o Monte, tão falada pelos guias, é visível ao longo da convivência com os mesmos. Passam horas sozinhos, no que parece ser uma mistura de contemplação e misticismo, postura que contamina os turistas: o que mais se escuta no alto dos 3.000 metros é o som da natureza, pouca conversa e muita observação.

Figura 2: Cume do Monte Roraima – *Foto: César Castilho*

> É um cenário surpreendente, de arenito tortuosamente esculpido, entremeado de areais, intermitentemente alagados pelas chuvas constantes. Na areia, uma flora diferente da mata nebular, porém, maravilhosa (CASTRO, 2005, p. 161).

Considerações Finais

As atividades de lazer na natureza devem ser analisadas, corroborando com Gomes e Pinto (2009) e Brunhs (2009), de maneira ampla e como uma extensão das características vigentes da nossa sociedade. No entanto, ao assumir uma visão crítica do mundo, levamos para nossas práticas cotidianas pensamentos que possibilitam novos olhares, novas possibilidades. Nesse sentido, segundo Marinho (2007), é possível perceber certos atrevimentos de grupos e instituições que procuram estimular a produção de lazer mais próximo da sensibilidade popular, da cultura, e não só do mercado.

A possibilidade de mudança no cenário atual das atividades de lazer na natureza, transformando-se em uma possibilidade de resistência e não de consumismo puro, é de responsabilidade dos pesquisadores da área e não, em um primeiro momento, dos moradores locais. Na maioria das vezes e, especialmente, no caso do Monte Roraima, as pessoas que realmente sofrem o efeito de um aumento sem controle do turismo exploratório são a população local, que na escala dos salários, ficam com a menor parte. As agências devem atentar para uma maior valorização do trabalho indígena, no caso pertinente à pesquisa, bem como aos guias locais, que passam anos "levando"

turistas ao cume da montanha.

A tendência do turismo mundial como possibilidade de lazer vem sendo consubstanciada na lógica de quatro elementos: previsibilidade, eficiência, cálculo e controle. A população moderna, pelo menos grande parte dela, procura muito mais "pacotes" homogêneos e sem novidades do que qualquer chance de se surpreender com a diversidade. Um mundo com emoções controladas perde qualquer possibilidade de criação e corrobora com a exacerbação do consumismo, do individualismo e da efemeridade, ou seja, com a continuidade de um mundo exploratório e com pouca consciência coletiva. Uvinha (2010) nos alerta para o aumento no panorama de "McDonaldização" ou "McDisneyização" no turismo, no qual existe uma preocupação muito maior na homogeneização discutida acima do que em sua diversidade.

A partir do exposto acima, é extremamente importante continuar estes diálogos que levantam questões atuais, no caso as ambientais, e norteiam práticas de lazer moderno que possam suprimir as formas excludentes. A experiência nas trilhas do Monte Roraima possibilitou uma integração saudável, com o grupo da expedição e com a natureza. No entanto fez emergir questionamentos frente à exploração turística, tanto no âmbito ambiental quanto da população local.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

BOGDAN, R. C. & BIRTEN, S. K. **Qualitative research for education**: an introduction for the theory and methods. Boston, Allyn and Bacon, 1982, p. 27-30.

BRUHNS, H. T. **A crise do lazer moderno e concepções de corpo**. Revista Licere, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, dez/2009.

BURGESS, R. G. **A pesquisa de terreno:** uma introdução. Oeiras, Portugal: Celta editora, 2001.

CASTRO, C. M. **Meio século no limiar do perigo**: memórias de um aventureiro amador. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GIL, A. C. A observação. *In:* GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, C.; PINTO, L. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. *In:* GOMES, C.; OSORIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. (Org.) **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 67-122.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. 2ª edição. São Paulo: EDUC, 1999.

LIPOVESTKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 2002.

MAFESSOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MARCELLINO, N. C. ***Lazer e educação***. 9º ed. Campinas: Papirus, 2002.

MARINHO, A. **Do bambi ao rambo ou vice-versa?** Nossas relações com a (e na) natureza. Revista Conexões, v. 3,, p. 37-48, 1999.

MARINHO, A. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, nº 1, abr/2007.

MARINHO, A. **Atividades na natureza, lazer e educação ambiental**: refletindo sobra algumas possibilidades. *Revista Motrivivência,* Florianópolis (SC): Núcleo de estudos pedagógicos em Educação Física, ano XVI, n. 22, jun, p. 47-69, 2004.

QUIVY, R. CAMPENHOUDT, L. V. A observação. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2003.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de la investigación**. México: McGraw-Hill, 2003, p. 63-111.

UVINHA, R. R. Formação profissional em turismo e suas interfaces como o lazer. *In:* ISAYAMA, H. F. **Lazer em Estudo:** currículo e formação profissional. Campinas, SP: Papirus, 2010.

WOOD, M. E. Ecoturism beyond 2000: in search of the true ecoturism. 1998. **Meio digital:** The International Ecoturism Society. Disponível em: <www.ecoturism.org>. Acesso em: 01 jul. 2010.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In:* ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. (orgs.). **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia de educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.287–309.

Nota

[1]Nos outros grupos havia integrantes da Rússia, Inglaterra, Alemanha, França e Itália.

César Teixeira Castilho: Universidade Federal de Minas Gerais.
Email: castcesarster@gmail.com
Link para o currículo: http://lattes.cnpq.br/5940278177704234

Data de submissão: 28 de junho de 2011.

Data do aceite: 01 de setembro de 2011.